

## **Santa Cristina, 24 de Julho, virgem e mártir**

**Fr. Arc.: Christie. Fr.: Christine de Bolsena. It.: Cristina di Bolsena. Ingl. e Al.: Christina of (von) Bolsena.**

Na origem, Santa Cristina era venerada em dois lugares muito afastados um do outro, Bolsena, no Lácio (Itália), e Tiro (no actual Líbano), fazendo supor que as duas santas, com o mesmo nome, tenham vivido na mesma época.

Mas, nos começos do século IV, extinguiu-se uma, restando apenas uma única santa, identificável ao mesmo tempo, como Cristina de Bolsena e Cristina de Tiro. Subsiste, entretanto, a incerteza se se trata de uma santa italiana de origem oriental ou de uma santa oriental venerada, igualmente, muito cedo, em Itália. Além disso, importa considerar o que apresenta o Pe. Pedro de Ribadeneyra (v. abaixo).

Por outro lado, é certo que morreu mártir, nos começos do século IV, durante as perseguições de Diocleciano. Mas a legenda que a ela se refere, tem origem numa *Passio*, muito tardia e, por isso, de escasso valor histórico.

### **LEGENDA**

Jovem mártir oriunda dos arredores de Bolsena, na Toscana, confundida com a de Tiro. Após ter recebido o baptismo, negou-se a oferecer sacrifícios a uma estátua de Apolo, destruiu ídolos de ouro e prata, distribuindo os fragmentos pelos pobres. Seu pai, que, à força, queria trazê-la ao culto dos deuses pagãos, fê-la desnudar-se e açoitar pelos seus escravos, a ponto da carne se separar dos ossos. Mandou, então, atá-la a uma roda que, ao partir-se, feriu ou matou os verdugos. Encerrada numa torre, foi consolada pelos anjos que lhe levaram flores e frutas. Os seus verdugos passaram-lhe a cabeça pelo buraco de uma mó de moinho, subiram-na a um barco e lançaram-na à parte mais profunda do lago de Bolsena. Contudo, ela boiou milagrosamente, agarrando-se à pedra que, em vez de afundá-la, flutuava, como um salva-vidas. Cristo desceu até ela, estendeu-lhe a mão e fez que o arcanjo S. Miguel a devolvesse à costa.

Depois da morte do seu pai, os seus perseguidores encarniçaram-se ainda mais contra ela. Foi mergulhada num caldeiro de azeite a ferver, meteram-na num forno aceso (como os três jovens hebreus do Livro de Daniel), onde esteve cinco dias cantando e dançando com os anjos. Ante a ineficácia de todos estes suplícios, fizeram-na aguilhoar por serpentes venenosas, encerrando-a com duas víboras e dois áspides que não lhe fizeram qualquer dano, antes, lambendo-lhe os pés, penduraram-se no pescoço e nos peitos.

O prefeito mandou que lhe arrancassem os seios e lhe cortassem a língua, impedindo, assim, que falasse e cantasse. A santa atirou a sua língua à cara do juiz que, imediatamente, ficou cego. As flechas que os arqueiros dispararam contra ela, voltaram-se contra eles e alojaram-se nas suas gargantas.

Estes e outros episódios que lhe são atribuídos assemelham-se a outros, retirados de diversas narrativas e Paixões de outras santas jovens mártires, como santa Bárbara (com efeito, Cristina era também muito bela e foi encarcerada, pelo seu pai, numa torre) e santa Agata (a quem lhe arrancaram os seios). De acordo com a mesma tradição, Cristina morreu trespassada por golpes de lança. E, para concluir e acabar-lhe com a vida, abriram-lhe o crânio e, com pinças, retiram-lhe o cérebro. Teria suportado estes tormentos, apenas com doze anos de idade.

Esta inverosímil *Passio* que, à força de exageros mais parece uma paródia, foi fabricada com elementos recolhidos do mesmo fundo hagiográfico, da legenda de santa Bárbara, da de santa Catarina, da de santa Úrsula... Como Bárbara, também perseguida por seu pai, que a fez encarcerar numa torre; como Catarina, também atada a uma roda que se partiu; como Úrsula, a quem dispararam flechas. O episódio da pedra do moinho, que flutua, é um outro tópico da hagiografia.

### **Flos sanctorum de Ribadeneyra**

Na província da Toscana, a dezoito léguas de Roma, há um lago que se chama Bolsena e, junto a ele, uma povoação com o mesmo nome. Houve, outrora, aí, *uma povoação chamada Tiro e, por isso, também o lago se chamava Tiro*. Porque o lago tivesse crescido muito, inundou, afogou e arrasou a cidade.

Nesta cidade de Tiro, nasceu de sangue muito ilustre, da família dos Anícios, a Virgem Santa Cristina. Seu pai, de nome Urbano, era governador e prefeito, no tempo dos imperadores Diocleciano e

Maximiano. Desde menina, a filha dedicou-se à Fé de Cristo. E, pela devoção ao seu santo nome, se chamou Cristina, contra a vontade de seu pai que era pagão e ministro dos imperadores que eram poderosos inimigos de Cristo. Seu pai, com todas as forças e artes, procurou afastar a filha daquela crença que tinha como loucura. Mas não pôde fazer abalo naquele peito sagrado e forte, possuído de Cristo. Ao contrário, a santa donzela, tomando os ídolos de ouro e prata que o seu pai possuía, desfê-los em pedaços e repartiu-os pelos pobres. Provocando a ira do pai, este deu-lhe bofetadas e açoites. Mandou-a desnudar-se e açoitar por alguns criados, na sua presença. E fizeram-no de tal modo a ponto de ficarem cansados e sem forças. Não contente com esta crueldade, apartando o afecto de pai e tomando o de inimigo e verdugo, mandou rasgar as suas carnes com garfos de ferro. A violência foi tão grande que não só corriam rios de sangue, mas pedaços da sua carne caíam no chão e os ossos ficavam à vista de todos. E a santa, com admirável paciência e espantosa fortaleza e constância, abaixava-se para recolher os pedaços da sua carne e oferecê-los ao pai: «*Toma, cruel tirano, come a carne que geraste*». Mas o pai ordenou que a pusessem na roda de ferro, levantada do solo, acendendo carvões e regando-os com azeite.

Contudo, o Senhor defendeu-a deste tormento e, para justo castigo dos pagãos, presentes nesse espectáculo, mandou que a chama desse fogo caísse sobre eles e matasse mil pessoas. Regressando ao cárcere, foi visitada e curada totalmente pelos anjos. Então, o pai mandou que lhe atassem ao pescoço uma grande pedra e a atirassem ao lago Bolsena. Entretanto, os anjos livraram-na e trouxeram-na para terra, sem qualquer lesão. Com grande raiva e ressentimento, o pai mandou-a regressar à cadeia, enquanto imaginava novos e requintados tormentos, para a atormentar e consumir. Mas, no dia seguinte, foi encontrado morto, na sua cama, e já não pôde executar a sua fúria e cólera.

Sucedeu-lhe o juiz Dion, não menos cruel que o pai. Mandou fazer um grande berço de ferro, enchendo-o de pez, óleo e resina, a ferver e ordenou que a lançassem nele. A santa virgem, com alegria, como menina gerada no baptismo, colocada no presépio, fez o sinal da cruz e foi libertada do tormento. Levaram-na, rapada a cabeça e o corpo descoberto, ao templo de Apolo e o ídolo logo caiu por terra, feito cinzas. Tão assombrado e fora de si, o prefeito Dion caiu ali morto e três mil pessoas se converteram à Fé em Cristo. A Dion sucedeu outro juiz cruel, chamado Julian. O novo juiz mandou acender um forno e pôs nele a santa, onde esteve cinco dias a arder, louvando o Senhor, sem qualquer dano. Regressando ao cárcere, por um bruxo e nigromante, lançaram muitas áspides, serpentes venenosas e outra maléfica bicharada que ela venceu com sua fé em Cristo que a ela se rendeu e sujeitou. Cortaram-lhe a língua e, mesmo sem ela, falava e entendia-se melhor, não cessando de louvar o Senhor. Finalmente, foi atada a um madeiro e cravada. Com este martírio entregou o seu espírito ao céu, vitoriosa. Foi recebida no céu, com imenso gozo de todos os cortesãos e espíritos bem-aventurados que tinham observado tão duro e grande combate e a felicitavam por ter vencido três tiranos. A sua morte foi, no dia em que a santa Igreja faz a sua memória, 24 de Julho, cerca do ano trezentos. O corpo de Santa Catarina está na cidade de Palermo, Sicília, onde é reverenciado, com grande devoção e concurso de povo. Por isso a têm por advogada e protectora. De Santa Cristina, falam os martirologios romanos de Usuardo, Adon e Sto. Antonino, Adelmo, bispo e muitos outros.

### **CULTO**

Deve a sua popularidade à situação de Bolsena, localidade que a tem como patrona e que se situava em caminho de peregrinação. Os romeiros que caminhavam com o bordão na mão para a Cidade eterna, detinham-se sempre em Bolsena, para orar sobre o seu túmulo.

A igreja de Turim, sob a sua advocação foi edificada em 1717, segundo esboços de Juvara. Também é venerada em Torcello, na lagoa de Veneza e em Palermo.

Em França, o seu culto está localizado em Evry le Châtel, Champanhe, e em Cuers, Provença.

Na cidade alemã de Colónia obteve popularidade. O convento de monjas de Herzebrock, na diocese de Paderborn, Westfalia, pretendia possuir a sua cabeça.

Era a patrona dos *moleiros*, porque foi lançada à água com uma mó de moinho ao pescoço que se transformou em bóia.

**É a padroeira de 6 paróquias, na diocese do Porto.**

### **ICONOGRAFIA**

Os seus atributos são uma *pedra de moinho*, uma *roda*, *tenazes e duas flechas*, em alusão aos seus numerosos suplícios e, com menos frequência, *serpentes* que lambem os seus pés, uma *grelha* ou as *chamas* de uma fogueira.

De acordo com as dimensões da mó de moinho, a santa apoia-se nela ou a leva dependurada do pescoço, como colar de pedra.

### **Figuras**

**Século VI:** Friso no mosaico de Santo Apolinário, o Novo. Ravena. Sem os atributos distintivos, como as outras virgens, apenas a coroa do martírio. / **Século XIV:** Estátua. Catedral de Milão. / **Século XV:** Signorelli. Nat. Gall., Londres. - Benedetto Baglioni. Jacente. Colegiada de Bolsena<sup>1</sup>. / **Século XVI:** Lucas Cranach. Postigo do tríptico de santa Catarina, 1506. Coleção Loyd. Birmingham. - Jan Scorel. Pinacoteca Munich. - Joos van Cleve. Tríptico da Morte de Maria. Pinacoteca Munique e Museu de Colonia. Santa Cristina, vestida à moda do século XVI, protege a mulher do oferente, Christine Hackeney. / **Século XVII:** Zurbarán. Museu de Estrasburgo. - Pierre Legros. Estátua que outrora decorava a fachada da igreja de Santa Cristina de Turim, transportada para a catedral.

### **Ciclos**

**Século XVI:** P. Veronés. Seis quadros na Academia de Veneza. Um anjo leva pão à prisão e dá-lhe um bocado, na boca com um garfo. -Vítrol. A santa derruba ídolos de ouro e prata num templo pagão e distribui a mendigos aleijados. É lançada ao lago de Bolsena, com uma mó de moinho ao pescoço, e depois, num poço onde pululam serpentes venenosas. Igreja de Evry le Châtel, Aube.

### **Cenas**

*O afogamento de santa Cristina no lago de Bolsena*

Fr.: *La Noyade de sainte Christine dans le lac de Bolsène*. Ingl.: *She is thrown into the lake with a millstone hung about her neck*. Al.: *Christina wird, mit einem Mühlstein um den Hals, im See von Bolsena versenkt*.

**Século XIV:** Jacopo Avanzi. Pinacoteca Bolonha. Os verdugos disparam flechas. / **Século XV:** Signorelli. Brera. Milão. / **Século XVI:** Vincenzo Catena. Quadro de altar, pintado em 1520. Igreja de Santa Maria Mater Domini, Veneza. A mártir está ajoelhada na margem do lago, com uma pedra de moinho atada ao pescoço, por uma corda; três anjos a levantam. - P.Veronés. Academia. Veneza.

### **Outras**

#### **Santa Cristina, a Admirável – 24 DE JULHO (+ c. 1224)**

Nascida de família aldeã, em Brusthem, na diocese de Liège, cerca do ano de, 1150, Cristina ficou órfã aos quinze anos. Os factos que a seu respeito narram o dominicano Tomás de Cantimpré (+ 1270) e o cardeal Tiago de Vitry não merecem grande crédito. Tomás de Cantimpré, antigo professor de Teologia em Lovaina, afirma narrar o que ouviu da boca dos que a conheceram, mas mostra-se demasiado crédulo. Quanto a Tiago de Vitry, trata-se de cronista sério que afirma ter conhecido Cristina pessoalmente. «*Deus operou nela, escreve, coisas verdadeiramente maravilhosas. Já estava morta há muito tempo, mas conseguiu a graça de retomar o corpo, a fim de sofrer o seu Purgatório cá na terra. Desta forma sujeitou-se a mortificações inauditas, ora rolando-se por cima do fogo, ora permanecendo nos túmulos dos mortos. Acabou por ser favorecida com graças sublimes e gozar duma paz profunda. Muitas vezes, transportada em êxtase, levou as almas dos mortos para o Purgatório e outras vezes tirou-as do Purgatório para as levar para o Paraíso*».

Cristina tinha pouco mais de vinte anos quando «morreu» pela primeira vez. Durante a missa de *Requiem*, levantou-se do caixão e subiu até à abóboda da igreja, tal era o desgosto que lhe causava a presença dos pecadores que assistiam às cerimónias. Logo que desceu, afirmou que tinha ido ao inferno, onde encontrara muitas pessoas conhecidas; a seguir, ao purgatório, onde ainda encontrara mais; e por fim ao paraíso, donde Deus lhe permitiu que regressasse à terra a fim de orar e sofrer pelos fiéis defuntos. A sua existência passou-se no meio de milagres e fenómenos misteriosos. O odor do pecado repugnava-lhe por tal forma que só depois de algum tempo conseguia suportar o contacto com os seus semelhantes. Acabou os seus dias cerca do ano de 1224, no convento de Santa Catarina, em Saint-Troud, cuja superiora declarou ter sido Cristina sempre duma submissão perfeita.

---

<sup>1</sup> Esta bela figura funerária, em terracota, também foi atribuída a Giovanni della Robbia.

**A bem-aventurada Cristina de Spoleto. 13** de Fevereiro (14 de Fevereiro)

**Fr.: Christine de Spolète.**

Cristina, natural de Spoleto, Itália, da família dos Visconti, mostrou desde a infância empenho ardente de imitar os santos, na vida penitente. Aos dez anos, quando o pai lhe anunciou que a queria casar, abandonou a casa paterna e, em companhia duma menina que partilhava as suas disposições, viveu algum tempo num deserto. Ambas, tomaram o hábito dos eremitas de Santo Agostinho, vivendo de raízes e ervas no meio dos bosques. Aos vinte anos, Cristina teve a inspiração de visitar Roma e depois Assis. Em seguida, veio fixar-se, como agostinha secular, no hospital de Spoleto, para servir os doentes e os pobres. Viveu na maior austeridade e na contemplação dos mistérios da paixão do Senhor. Para imitar, de modo mais real e sensível, os sofrimentos do divino Mestre, mortificou o pé com um prego grosso. Tencionando sair de Spoleto e voltar a Roma, para as celebrações da Semana Santa, foi avisada do seu fim próximo. Atacada de febre, recebeu os sacramentos com piedade mística e adormeceu no Senhor a 14 de Fevereiro de 1458, com vinte e três anos de idade. No seu túmulo, na igreja dos agostinhos de Spoleto, realizaram-se muitos milagres. Em 1834, Gregório XVI aprovou o seu culto.

**Cfr. Padre Pedro de Ribadeneyra, Flos Sanctorum, t. II, p. 368-369, Barcelona 1790**

**Cfr. Louis Réau, Iconografía del arte cristiano, t.2 vol. 3, p. 351-354, Ed. del Serval, Barcelona 2001**

**Rosa Giorgi, (trad. Francesa D. Féral) Les Saints, Repères Iconographiques, Hazan, Paris, 2004, p.86**

**José Leite, S.J., Santos de cada dia, ed. 4ª A.O., vol II, pp. 355-356; vol. I, p. 166**

**Trad. composição: MA**